



Isabel Ponce de Leão
professora universitária UFP

O Livrinho Vermelho¹ de Jorge Basílio

A literatura que tem nos jovens e nas crianças o seu público alvo demorou algum tempo a impor-se por via de preconceitos eivados de novo riquismo que confundiam simplicidade com primariedade. Hoje, felizmente, este segmento da literatura está credibilizado e funciona como pórtico na formação de um público leitor fomentando o gosto pela leitura na primeira fase da formação do cidadão crítico face à sociedade que o rodeia. Vem isto a propósito de *O Livrinho Vermelho* de Jorge Basílio igualmente autor de outras duas magníficas obras do género - *Histórias Improváveis no mundo das artes* (2012) e *Histórias Improváveis no mundo da música* (2013) - que, destinadas embora a um público mais jovem, captam também o mundo dos adultos propondo leituras várias. Sem medo de desvelarem os segredos dos símbolos que compõem a escrita, ostentam um veio aventureiro que reivindica ao leitor capacidade interpretativa.

O Livrinho Vermelho - e é mesmo vermelho - é uma obra de cariz pedagógico e didáctico que não se submete aos ideais socialmente preponderantes, antes cultiva o gosto pela transgressão através do sistemático estímulo do imaginário. Cumpre a sua função / missão integradora do jovem na sociedade através de padrões lúdicos, assentes em representações imagéticas de jogos e brincadeiras contagiantes e faz, de forma extremamente motivadora, um apelo à leitura traçando o percurso da vida dos livros. Entrar no livro é receber a convocatória da biblioteca borgiana e aceitar pertencer a um outro mundo. Espécie de biografia, nele se configura a história de um livro, seja dos livros. Interessantemente, esta história de vida tem como cenário "um edifício imponente. De fachada austera, com portas enormes de correr, [que] parecia engolir com voracidade todos quantos para ela se dirigiam" (p. 9). Ora é justamente este edifício grave, inflexível, quase ameaçador o espaço albergador de um irreverente livrito que põe todos os outros em movimento. Vamos à história. Erigindo a personificação e a prosopopeia suas figuras electivas, o autor dá conta de vivências no interior de uma biblioteca em que, tal como os humanos, os livros, ainda que surdamente, se guerreiam e tentam estabelecer-se em classes. Senhores das suas idiosincrasias, presentificam-se intransigentes com o conteúdo uns dos outros, exibindo comple-

xos de superioridade: "As enciclopédias [...] nadavam sempre em guerra com os dicionários [...]. Os livros técnicos, esses, eram os mais emperdigados de todos [...]. Viam com desdém os livros infantis"; e, no entanto, ali estavam inertes, incapazes de saírem dos lugares, submissos à inflexível e pouco cordata CDU e ao risco de serem ignorados pelo leitor logo condenados ao esquecimento. Esta disciplina é, de certa forma, uma receosa luta pela sobrevivência. Até que um dia, na secretária do bibliotecário, de peito aberto à violência dos carimbos, cai "um pequeno volume de capa encarnada, nascido da imaginação de uma escritora e embelezado com belas imagens saídas da paleta de um artista" (p. 33), pronto a acomodar-se no lugar da estante que lhe seria destinado. Um livro diferente, um objecto estético, um ser animado, sensual que "apreciava o toque dos dedos nas suas folhas. Gostava de ser lido" (p. 37).

Cansado do silêncio da biblioteca depois da hora de encerramento, desafia os outros livros a contar histórias. Mal recebido inicialmente - havia o receio da CDU - consegue, aos poucos, convencer os seus semelhantes de que a confraternização e a troca de ideias não constitui desrespeito à CDU se, posteriormente voltassem aos seus lugares. Aceite esta premissa, mal a Biblioteca fechava, os livros circulavam "por todo o lado, não só entre prateleiras, mas também entre estantes e salas diferentes" (p. 57). Era a apoteose convivencial, o ecumenismo cultural.

Depois, depois, como os humanos, os livros têm os seus ciclos. *O Livrinho Vermelho* de tanto ser usado - sobretudo por jovens nas bibliotecas itinerantes - começou a envelhecer e teve que recolher ao depósito esperando que "um programa de recuperação de velhos livros" (p. 65) o devolvesse, "alegre e vaidoso" (p. 65) aos divertidos convívios de antanho. Assim foi.

Uma história banal? Não. Uma história prosopopeica que explora os sentimentos dos livros, os valoriza e os ensina a cuidar. Uma história que tenta alterar a forma de ir / estar numa biblioteca e que se institui inestimável ferramenta pedagógico-didáctica derrubando os limites do fantástico tão penetrante na faixa etária que visa. A prosopopeia e a personificação viabilizam episódios veiculadores de pertinentes mensagens como seja o apelo à leitura enquanto elemento salvífico; a valorização do universo de

afectos; a interacção entre os mundos fantástico e real; a permuta de saberes.

Seria redutor avaliar a obra tão só pelo imbricamento da trama que surge como motivação para uma aprendizagem mais lata. Tal preocupação - a mesma, a de sempre a que este pedagogo nos habituou noutras obras - presentificase na forma como Jorge Basílio não só esclarece sobre as profissões e as acções ligadas à vida dos livros, como também fornece dados explicativos sobre o funcionamento da CDU, num oportuno Apêndice, assim facilitando, através de um gesto lúdico, a deambulação dos jovens pelo mundo das bibliotecas num intenso apelo à leitura.

Acresce que todo o aparato paratextual é uma fonte de sedução. As excelentes ilustrações de Sofia Linhares são a prova cabal da cumplicidade entre duas linguagens que viabilizam a aprendizagem. Porque é o que este livro pretende e bem - ensinar, melhor dito, ensinar a aprender. Assim o faz propiciando aquilo a que Barthes chamou "uma leitura de prazer".

Falta apelar ao Plano Nacional de Leitura uma especial atenção para esta obra. Os alunos do 1.º ciclo merecem-na.

